

A voz latina: identidades nas narrativas orais regionalistasEli Mendes Lara¹

Resumo: Neste trabalho, abordamos a obra *Grande sertão: Veredas* como referência de memória do regionalismo brasileiro, marcado por uma historiografia mineira. A hipótese será de que, Guimarães Rosa (2006) penetra nos labirintos das narrativas orais para relatar uma história, retratada num simbolismo metafórico, ao representar a personagem emblemática do jagunço. A busca do resgate da memória dos povos rurais se dá através das narrativas dos sotaques regionalistas e manifestações míticas na literatura ficcional. Rosa estaria a rememorar fatos já passados, como forma de relatar o predomínio do coronelismo no período pós-colonial brasileiro. A análise da relevância da narrativa oral rosiana será feita a partir da crítica de *La comarca oral*, do venezuelano Carlos Pacheco (1992). O objetivo dessa comunicação será analisar o diálogo entre oralidade, memória e história para a criação da identidade regional, no contexto sociolinguístico da América Latina.

Palavras-chave: oral, literatura, história, identidade, memória.

The latin voice: identities in oral narratives regionalists

Abstract: In this paper we discuss about *Grande sertão: Veredas* as a memory reference of Brazilian regionalism marked by a Minas Gerais historiography. The hypothesis here is that Guimarães Rosa (2006) goes inside the labyrinths of oral narratives to report a story portrayed in a metaphorical symbolism to represent the "jagunço" iconic character. The search to rescue the memory of the rural people is through the narratives of regionalist accents and mythical events in fictional literature. Rosa would be remembering facts already past as a way to report the prevalence of Coronels in the Brazilian post-colonial period. The analysis of the relevance of Guimarães Rosa oral narrative will be done from the Venezuelan Carlos Pacheco's work *La Comarca oral* (1992). The purpose of this communication is to analyze the dialogue between Guimarães Rosa oral narratives, reports, memory and history to the creation of regional identity in the sociolinguistic context of Latin America.

Keywords: Oral, literature, history, identity, memory.

¹ Mestranda em Literatura e Práticas Sociais do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras - Universidade de Brasília. Esta comunicação faz parte das minhas pesquisas para a dissertação de mestrado, como temática principal: *As narrativas orais nas literaturas de Língua Portuguesa*. E-mail - elylara@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As narrativas orais em *Grande sertão: veredas* corroboram com a história da América Latina e estão inseridas na reconstituição histórica. Guimarães Rosa (2006) penetra no seio da cultura popular para relatar uma história retratada num simbolismo metafórico, ao representar a personagem emblemática do jagunço. De acordo com essa hipótese, as narrativas orais estariam inseridas no conjunto da história de Minas Gerais, estado do Brasil.

Favorecer-se-á a análise do ponto de vista do escritor brasileiro João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* será vista a relevância da identidade do oral, por meio dos estudos históricos, filosóficos e críticos-literários. Esse artigo contribuirá para as pesquisas das teorias de memória e história, quanto às tradições orais regionalistas, mais especificamente as constituições de identidades locais, através da linguagem na literatura oral do estado de Minas Gerais.

La Comarca oral, um ensaio sobre a literatura latino-americana de Carlos Pacheco, favorece a compreensão das narrativas orais populares regionalistas dos autores que formam um grupo chave para a representação literária oral na América Latina. Dentre os autores analisados, a escolha foi de abordar Guimarães Rosa, em cuja escrita se imbricam oralidades, historiografia e memória, numa forma de retrato de uma época marcada com sangue e imposições autoritárias do coronelismo, durante o período pós-colonial nas zonas rurais.

Ao analisar Guimarães Rosa, recorrer-se-á aos princípios da teoria oral em Carlos Pacheco, a

compreensão em torno de um crítico regionalista paradigmático no contexto da América Latina. Alguns outros teóricos são fundamentais para a compreensão dos fatores decisivos no enfoque da oralidade, como forma de busca identitária na historiografia dos costumes regionalistas do local abordado.

Ao pensar a história da literatura latino-americana, que abarca o regional e a memória coletiva da fala popular, busca-se no presente texto, a compreensão das ligações das análises diametralmente ao pensamento dos teóricos das oralidades, além de Carlos Pacheco (1992), Irene Machado (1995), e Paul Zumthor (2007, 2010). Serão discutidas a partir dos autores Elga Pérez Laborde (2011), Le Goff (1994), e Homi K Bhabha (2013) a memória e a identidade. A crítica historiográfica do coronelismo e o jaguncismo de acordo com as críticas de Antônio Candido (1989, 2011, 2012), Victor Nunes Leal (2012) e Everton Demetrio (2011).

1A NARRATIVA ROSIANA, A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A IDENTIDADE EM GUIMARÃES ROSA

O escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967), de formação acadêmica erudita, após dominar bem a escrita da Língua Portuguesa, resolve elaborar uma recriação linguística no seu texto, no ano de 1956, data da publicação do romance ficcional *Grande sertão: veredas*, considerado obra prima por muitos pesquisadores.

A escritura rosiana foi desentranhada da linguagem do seio popular regional, através da fala oral dos homens sertanejos. Guimarães Rosa constrói uma linguagem própria do sertão ao

desconstruir as regras gramaticais da língua erudita, porém, mostra a figura do jagunço no contexto regional mineiro. Os ditos populares, os neologismos e os sotaques da fala popular, todos esses termos, criam uma gramática regionalista.

Segundo Antônio Candido, Cavalcanti Proença, estudioso da Língua Portuguesa, afirma que “Guimarães Rosa penetra no miolo do idioma, alcançando uma espécie de posição-chave, a partir da qual refaz a seu modo, o caminho da expressão, inventando uma linguagem capaz de conduzir a alta tensão emocional da obra” (Proença, 1958; Candido, 2012: 111).

Carlos Pacheco (1992) comenta sobre a literatura oral na obra de Guimarães Rosa e Augusto Roa Bastos (1917-2005), o crítico propõe a organização dessas narrativas para o futuro, não apenas como romance ficcional, mas como forma de representar as crenças míticas, contos orais na figura do griô, hábitos e costumes no seio de comunidades.

Assim como o paraguaio Roa Bastos, Guimarães Rosa se tornou um escritor conhecido mundialmente, por investigar a vida rural, os costumes, as crenças, as músicas e também a fauna e a flora do sertão de Minas Gerais. *Grande sertão: veredas*, romance ficcional com o enredo mítico, narrado pelo narrador-personagem Riobaldo, no tempo psicológico, procura, através do resgate da memória, contar a história do jagunço no contexto do sertão.

Rosa, ao tentar reconstituir os acontecimentos do interior de Minas Gerais, no final do século XIX, acabou por desnudar as tradições, as oralidades e

a historicidade, que finalmente tornaram-se representações literárias da memória mineira. Maurice Halbwachs (1877-1945), no ensaio *A memória coletiva* (2003), afirma que a memória individual alimenta e fortalece a memória coletiva. E refletindo no contexto *Halbwachiano*, em *Grande sertão: veredas*, não se pode afirmar que Rosa tenha representado a história de maneira fiel, mas que ele tenha representado a memória coletiva de uma determinada época, ao procurar a reconstituição dos fatos da memória dos sertanejos.

As narrativas orais surgem em *Grande sertão: veredas*, quando embutidas na história, aparecem pequenos contos em torno das crenças mineiras, ora míticas, ora religiosas. Os Deuses, como as Nossas Senhoras sertanejas, a virgem Maria, o Bom Jesus da Lapa e Cristo estão em foco na narrativa. O temor na figura mitológica do demônio aparece com diferentes nomes: Romãozinho, Piroto, Belzebu, Capeta, Diabo e Diabrim.

O protagonista Riobaldo, jagunço valente e corajoso; Diadorim, jagunço angelical, mas ao mesmo tempo vingativo, esconde um segredo: ele é uma mulher que se veste de homem. Riobaldo acredita que ele seja um homem, mas assim mesmo, sente um imenso amor por esse homem, Diadorim. Esses jagunços vivem uma história de amor misteriosa, num emblemático jogo entre encontros e desencontros, com reflexões sobre o destino, a amizade, o bem e o mal; Deus e o demo.

O narrador-personagem, Riobaldo, conta que quando era menino, após a cura de uma doença,

fora pagar uma promessa feita pela mãe às margens do Rio São Francisco, foi quando encontrou um menino branco de olhos verdes, Diadorim. Riobaldo, ao conversar com o seu compadre Quelemém, se lembra do menino:

Agora que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei de encontrar aquele menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça aquela, a dele? De Deus, do demo? Por duas, por uma, isto que eu vivo pergunta de saber, nem o compadre meu Quelemém não me ensina (Rosa, 2006: 109).

Um enigma pairava sobre o menino, seria a representação de forças opostas para Riobaldo. O bem e o mal sobrepunham de forma ora maniqueísta, ora como força de destino e de reflexão em torno do amor e do ódio; da vingança e do arrependimento. Ele se perguntava sempre o porquê daquele menino aparecer no seu destino, anos depois, como o jagunço Diadorim.

Riobaldo e Diadorim eram integrantes de um bando de jagunços do justiceiro Joca Ramiro, na zona rural do estado de Minas Gerais. O bando trabalhava sob o comando do tenente Medeiro Vaz, figura do chefe maior que comandava o bando e aparece como um poderoso oligarca da região, o rei dos Gerais. Os dois grupos rivais: de um lado o chefe fazendeiro Zé Bebelo, que tinha como objetivo conquistar o cargo de deputado ao ficar famoso por combater os jagunços, do outro lado Joca Ramiro, o justiceiro mandante, que cumpria ordens, juntamente com os seus jagunços. A figura do coronel é sempre referenciada ao longo da narrativa, há sempre um em alguma fazenda por onde passam.

Após o assassinato de Joca Ramiro por Hermógenes, o jagunço mais bandido, Riobaldo assume a chefia do bando. Para vingar a morte do pai, Diadorim, Riobaldo e mais sessenta homens que formam o bando de jagunços, partem em um comboio a cavalo em direção à fazenda do mais perigoso jagunço, o Hermógenes. O objetivo do bando de Riobaldo era destruir o bando de jagunços de Hermógenes.

Grande sertão: veredas foi lançado em 1956, antes do golpe militar brasileiro (1964), porém, a obra perfaz um contexto bem anterior, de acordo com a reconstituição de Rosa. O período histórico relatado na obra perfaz o contexto da República das Oligarquias (1894/1930), essa definição é compreendida após o final da Proclamação da República (1889). O sistema político no contexto das oligarquias era baseado no poder da classe dominante, latifundiários que dominavam os trabalhadores rurais menos favorecidos. O pesquisador Everton Demétrio afirma que “Rosa situa o romance no período entre o fim do Império e a República Velha, compreendendo eventos que marcaram profundamente a vida política e social do país” (Demétrio, 2011: 03).

Joca Ramiro era rico, dono de muitas posses em terras, e se arranchava passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos, deles recebia dinheiro de munição e paga: seô Sul de Oliveira, coronel Caetano Cordeiro, doutor Mirabô de Melo. Que era que eu achava? (Rosa, 2006: 178).

Segundo Victor Nunes Leal, o sistema coronelista estava estreitamente relacionado ao sistema agrário da época, com a imposição do poder privado, dos grandes latifundiários, que eram sustentados pelo poder público. “As

características secundárias do sistema coronelista como sejam, entre outras o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais” (Leal, 2012: 44). Em *Grande sertão: veredas*, o personagem protagonista Riobaldo fora criado do coronel Selorico Mendes, grande latifundiário da região. Com o acréscimo desses traços, Leal examina as forças políticas dos municípios brasileiros da época. A liderança do coronel impunha comando aos chefes políticos municipais, doutores e advogados, que na verdade eram seus próprios parentes e protegidos.

Antônio Candido acrescenta que a obra rosiana geralmente é um documento. “O livro de Rosa é meticulosamente plantado na realidade física, histórica e social do norte de Minas, que ele revelou à sensibilidade do leitor brasileiro como nova província, antes não elevada à categoria de objeto estético” (Candido, 2011: 125). Candido compreende bem o coronelismo e o jaguncismo, até pelas experiências que vivenciara na infância ao ver pessoas sendo assassinadas pelo sistema de coronelismo na década de 20. “Creio que esta minúscula experiência pessoal do fim do jaguncismo no sul de Minas, no decênio de 1920, talvez ajude os moços a sentirem o ritmo das mudanças em nosso tempo e o interesse com que falei do assunto” (Candido, 2011: 126).

Em *Grande sertão: Veredas* é importante diferenciar os planos históricos e imaginário. O nome das personagens e o enredo são imaginados, os pequenos contos orais fazem parte da tradição oral de Minas; mas o sistema político do

coronelismo e o jaguncismo fazem parte da história brasileira.

Segundo Le Goff, na obra *História e Memória*, “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.” (Le Goff, 1994: 25). O crítico histórico-filosófico comenta que os documentos acrescentam ao passado, a sobrevivência para o futuro. E esse passado, também envolve a representação das testemunhas das ações, que no caso de *Grande sertão: veredas*, as testemunhas são representadas pela reconstituição de Guimarães Rosa, através dos costumes locais no contexto da época.

O narrador-personagem Riobaldo transita na busca da memória, para narrar os diálogos nos contextos da tradição oral dos costumes. Rosa imbrica o provérbio e a fala popular à história do coronelismo em Minas Gerais.

Sô Candelário disse: - que morrer em combate é coisa trivial nossa; para que é que a gente é jagunço?! Quem vai em caça acha o que não acha...

Titão Passos disse: - “... E mortes tantas, isso não é culpa de chefe nenhum. Digo. E mais que esses grandes de nossa amizade: doutor Mirabô de Melo, coronel Caetano, e os outros - hão de concordar com a resolução que a gente tome, em desde que seja boa e de bom proveito geral. É o que eu acho, Chefe. Às ordens...” - Titão Passos terminou (Rosa, 2006: 277).

Para Le Goff, o historiador é o principal intérprete da opinião coletiva, questiona a respeito do que é História. “Torna-se claro, pois, que a obra histórica não é uma obra de arte como as outras, que o discurso histórico tem a sua especificidade” (Le Goff, 1994: 38). *Grande sertão: Veredas* não é

uma obra histórica, mas sim uma obra de arte que abarca o histórico.

Guimarães Rosa, em *Grande sertão: Veredas* com as narrativas orais do jagunço sertanejo, carrega o texto ficcional de neologismos, fala popular com usos de sotaques, chavões locais, mitos em torno do demônio e superstições, que podemos entender como uma representação de memória da coletividade do povo mineiro e assim a identidade regional. Para se chegar à memória coletiva, Rosa procurou por sua própria memória e através dela, reconstituiu os costumes do povo da sua própria terra de origem, Minas Gerais.

Homi K. Bhabha argumenta no ensaio *O local da cultura*, que “a similaridade de um ser racional requer a consciência do passado, que é crucial para a argumentação” (Locke, 1969; Bhabha, 2013: 90). Após estudar o teórico John Locke, Bhabha acrescenta, que, à medida em que a ampliação desse estar ciente das coisas e dos fatos é reverberada através do pensamento sobre o passado, de acordo com essa medida pode se estender à identidade daquele ser que procura por essa consciência. Ao se referir à memória individual, Bhabha associa a busca do conhecimento da própria história ao resgate do passado, e da própria identidade.

Acrescenta-se que Guimarães Rosa, ao buscar pela memória dos povos mineiros, acabou por se enveredar pelas entranhas da política e da cultura rural. E certamente que tinha a consciência de estar resgatando um passado comum a todos, e construindo um futuro histórico; para isso,

vasculhou na cultura local como um agente historiográfico.

Nas pesquisas de Elga Laborde, no ensaio *Identidades em contato*, “Os mais renomados romances, que se definem entre a épica, os mitos e as utopias têm todos, como pano de fundo, as garras mais afiliadas da política e a necessidade de gritar pela libertação e pelo retorno das democracias” (Laborde, 2011: 157).

Os contextos políticos e míticos formam um conjunto de obras latino-americanas, conforme a análise de Carlos Pacheco (1992: 22), ao se referir às obras regionalistas como paradigmáticas, dentre os autores citados por Laborde e também citados por Pacheco estão João Guimarães Rosa, Augusto Roa Bastos e Gabriel García Márquez. As obras desses autores perfazem um universo do fantástico e da política.

Rosa aborda a política de forma parodística ao tratar da personagem Zé Bebelo, uma espécie de fazendeiro e soldado, que tem como objetivo combater a jagunçagem no sertão para ficar conhecido e, enfim, ser eleito deputado. Para Carlos Pacheco, João Guimarães Rosa faz parte de um grupo chave de autores para a representação literária oral na América Latina, junto a Bastos em *Hijo de hombre*, além de Juan Rulfo, José María Arguedas, e Gabriel García Márquez, que são parâmetros para a compreensão das narrativas populares.

Após analisar Paul Ricoeur (1985), Laborde acrescenta que a literatura perfaz um meio pelo qual o escritor e a coletividade erigem suas formas de identidades (Laborde, 2011: 161).

2 GUIMARÃES ROSA E A TEORIA DA ORALIDADE NO CONTEXTO REGIONALISTA LATINO

Carlos Pacheco elabora estudos sobre a oralidade e a escritura, com a posição de alguns teóricos, como Havelock (1963), que trata de Platão, que se distancia da esfera oral, e releva o conhecimento formal através da filosofia. Platão se posicionava contra a valorização da oralidade, em favor do pensamento lógico. Jacques Derrida (1967), contra o fonocentrismo, para ele, a escrita deve ser inteligível. Claude Lévi-Strauss (1962), segundo Rousseau, com povos sem escritura, e os civilizados (Pacheco, 1992: 32). Para Pacheco, Lévi-Strauss diferencia a oralidade e a escritura, como fases do desenvolvimento humano dos primitivos e dos civilizados.

Após estudar os referidos autores, Pacheco acrescenta que o discurso oral tradicional geralmente é uma narração, um relato, no entanto, não é um texto reflexivo, e nem um registro impessoal.

Ademais, para Pacheco as narrações orais e os relatos possuem as características de uma epopeia, e não abordam o fator psicológico da personagem como, por exemplo, ocorre no romance contemporâneo.

En las narraciones orales, la acción a menudo implica alguna suerte de enfrentamiento contra elementos naturales o antagonistas humanos o animales. Estos adversarios debenser vencidos por el heroea fin de franquear el camino hacia su meta (PACHECO, 1992:43).

Segundo Pacheco, o teórico britânico Gordon Brotherson (1984), que também critica Claude Lévi-Strauss, adere à mesma proposta de Derrida,

quanto à escritura, e defende uma América Latina letrada. Carlos Pacheco acrescenta que Brotherson ao tratar apenas do fator escritura, considera omissas as funções ritualísticas, religiosas, administrativas e mnemônicas próprias da cultura oral (PACHECO, 1992: 47).

Mas o que seria essa literatura oral? Paul Zumthor em sua obra, *Introdução à poesia oral*, elabora conceitos sobre as expressões orais ou oralidades, enquanto ressignifica a palavra *performance*, que para o teórico é uma manifestação lúdica através do conto oral, da canção, do ritual e da dança. No caso do conto, pode ser associado ao mito. A etnologia analisada pelo teórico estuda a linguagem oral no sentido antropológico, cultural e social. “A performance é para os etnólogos uma noção central no estudo da comunicação oral” (Zumthor, 2010: 30). A historicidade da cultura oral é evidenciada para Zumthor e relacionada à retórica, que estabelece e cria o texto.

Buriti, minha palmeira,

Lá na vereda de lá:

Casinha de banda esquerda,

Olhos de onda do mar... (Rosa, 2006:52)

Na transposição da oralidade para a escrita, o escritor não pode certamente representar com base na escrita, a oralidade na integralidade, mas através da escrita ele pode fazer com que a tradição oral seja catalogada como forma de representação da memória cultural coletiva de uma determinada região. Rosa aborda o canto popular em *Grande sertão: Veredas*.

Irene Machado em *O Romance e a voz* procura a compreensão da relação entre dialogismo e

oralidade; para isso recorre ao teórico russo Bakhtin, estudioso do romance grego e do diálogo socrático. A pesquisadora menciona conceitos sobre os princípios da fala e da escritura. E questiona: “se fala e escritura são sistemas de linguagem, por que confiná-las em campos opostos? Se romance é realização da língua e fala, por que a rigidez da hierarquia e a prevalência de um sistema sobre o outro?” (Bakhtin, 1948; Machado, 1995: 49). Ademais, Machado acrescenta que a estilística do romance dependerá do discurso do outro, sobre o que as pessoas dizem sobre a própria vida, a configuração do diálogo entre a fala e a escritura. E que a prosa, na verdade representa a voz do autor, em relação às personagens que representam as pessoas do discurso.

Pacheco compara Rosa e Roa Bastos, autor de *Hijo de hombre* (1960), *Yo el supremo* (1974) e *El fiscal* (1993), a narrativa de Bastos está associada à língua guarani. O escritor penetra nas entranhas das oralidades populares e tenta resgatar a identidade na narrativa paraguaia, caracterizada pelo caráter mítico, próprio da cultura guarani. (Pacheco, 1992: 135).

Ao modificar as palavras ou as frases, com formas sintáticas próprias do universo popular em sua integridade, normalmente consideradas como gramaticalmente corretas, “La poética de las variaciones” robastianas (Pacheco, 1992: 137) tem o personagem Macário, o ancião, no romance *Hijo de hombre*, como paradigma do universo cultural guarani. O personagem de fala informal e popular, através dos contos orais no universo mítico indígena, representa a fala simples, as

danças e os contos como forma de conferir vida ao texto.

Roa Bastos penetra na linguagem da expressividade semântica ao se referir à morte num conceito axiológico bakhtiniano; seus personagens após a morte figuram, além da vida material, fantasias próprias das narrativas fantásticas do oral. Já para Guimarães Rosa, a morte perfaz o sentido do fim pela própria ambição humana, a violência do jagunço no contexto de ordens absurdas do sistema de coronelismo.

Segundo Antônio Candido o regionalismo que marcou um período histórico serviu de matéria prima para a literatura, como é o caso de “livros universalmente significativos para o contexto latino-americano, como José Maria Arguedas, Gabriel Garcia Márquez, Augusto Roa Bastos e João Guimarães Rosa” (Candido, 1989: 179). Candido acrescenta que esses autores tiveram como foco, a realidade local. Os escritores latinos como Rosa, Juan Rulfo, Vargas Llosa, enfim, superaram o naturalismo, baseado na literatura acadêmica (Candido, 1989: 162).

3 AS NARRATIVAS ORAIS EM GUIMARÃES ROSA E A PERSONAGEM METAFÓRICA DO JAGUNÇO NO CRONOTOPO MÍTICO

As narrativas orais através do cronotopo mítico, historiográfico e regionalista guiam o narrador-personagem Riobaldo. Ao procurar pela memória no tempo psicológico, Rosa conduz os fios narrativos, pela busca do tempo passado e presente. Como um cavaleiro dos romances de cavalaria medieval, Riobaldo no seu cavalo

percorre o sertão mineiro com outros jagunços. Transitam pelos cerrados: vegetação em terreno arenoso, as veredas com buritis e nascentes de água doce. No universo rosiano é como se estivessem num deserto e chegassem num oásis. Naquele local encontravam terreno fértil e água em abundância.

A ficção poética rosiana é baseada ora no imaginário, ora nos costumes e acontecimentos da história de Minas Gerais. A narrativa de Rosa, épica, não omite a realidade da época, por exemplo, a região que fora marcada por uma escravidão continuada, com a exploração de pequenos agricultores, e a força do trabalho paga com uma quantia irrisória aos homens do campo, enquanto os coronéis e fazendeiros enriqueciam e mandavam nos pobres desfavorecidos, tinham os jagunços para imporem os limites e os mandos. O pesquisador Demétrio comenta sobre a história do coronelismo e o trabalho informal da época.

O trabalho informal contraposto à legalidade do trabalho assalariado; a força do coronelismo contra os princípios constitucionais da República; a ética constituída pela convivência contra as instituições legais. Desse modo, a matéria ficcional está aqui assentada numa matéria histórica dotada de contrastes (Galvão, 1986; Demétrio, 2011:04).

Guimarães Rosa aborda o campesinato explorado e sofrido das histórias dos nossos ancestrais e o jagunço que procura por aventuras burlescas no ambiente sertanejo da fantasia. Os intertextos, como mitos e fábulas, cantorias, repentes e pequenos contos orais, e os sotaques marcantes, guiam o narrador-personagem Riobaldo:

Seu pai fosse rico,
tivesse negócio
eu casava contigo
e o prazer era nosso...(Rosa, 2006, 126).

Riobaldo, cantando cantigas tradicionais, percorre o cerrado e sempre encontra uma vereda, lugar belo, propício ao mundo épico imaginado por Rosa. Mas também sempre encontra uma fazenda de um oligarca, como a de seô Habão. “Disse que ia botar os sucruíú para o corte da cana e fazeção de rapadura. Ao que a rapadura havia de ser para vender para eles do Sucruíú, mesmo, que depois pagavam com trabalhos redobrados.” (Rosa, 2006:415).

Segundo Demétrio, Riobaldo representa uma alegoria, a tentativa de harmonia entre o arcaico sertão e a modernidade que já devia estar no sertão. “Riobaldo se converte, então, em alegoria de uma realidade contraditória, desejosa de harmonizar os contrários” (Demétrio, 2011:25).

Segundo Carlos Pacheco, Riobaldo conta histórias num “discurso oral ficcionalizado” (Pacheco, 1992:105), com os seus “avatares”, como o Riobaldo, Taratana e o Urutu-branco: “Os jagunços meus, os riobaldos, raça de Urutu-branco” (Rosa, 2006: 510). Na oração, pode-se perceber uma metáfora: o termo Urutu-branco fora o apelido dado a Riobaldo pelo personagem Zé Bebelo. O termo é um signo que representa a valentia da personagem e a sua representação como jagunço-chefe. Diadorim, também simboliza avatares, entre o bem e o mal, Deus e o romãozinho, numa espécie de mito.

Um que é romãozinho, é um diabo menino, que corre adiante da gente, alumando com lanterninha, em meio certo do sono. Dormi nos ventos. Quando acordei, não cri: tudo que é bonito é absurdo - Deus estável. Ouro e prata que Diadorim aparecia ali, a uns dois passos de mim me vigiava (Rosa, 2006: 288).

O crítico Candido se refere à obra rosiana como super-regionalista caracterizada por elementos irrealis que estão presentes “a magia das situações; ou de técnicas antinaturalistas, como o monólogo interior, a visão simultânea, o escorço, a elipse” (Candido, 1989: 182). Essa terceira fase literária do regionalismo estaria marcada pelo nativismo, o exótico e o documentário social; segundo Candido a fase do Super-regionalismo correspondente à fase de subdesenvolvimento social.

Rosa, ao retratar a figura do jagunço, perfaz a história da pobreza humana, a ambição, o ganho fácil, mas acima de tudo a luta pela sobrevivência numa forma de trabalho imposto pela figura do coronel, enquanto a esse jagunço não restava alternativa, senão à de cumprir ordens com derramamento de sangue e muita violência. A profissão de jagunço fora permeada pela ausência do livro e das letras, em vez de livros, os coronéis favoreciam a carabina e a pólvora, no entanto, os tempos foram mudando, e a política se adentrando ao sertão.

Por que não se fez combate, depois naqueles meses todos? A verdade digo ao senhor: os soldados do governo perseguiram a gente. Major Oliveira, Tenente Ramiz e Capitão Melo Franco - esses não davam espaço. E Medeiro Vaz pensava era um pensamento: a gente mamparresse de com eles não guerrear, não se esperdiçar - Porque as nossas armas guardavam um destino só, de dever. Escapulíamos, esquipávamos. Vereda em

Vereda, como Burity ensinam, a gente varava para após (Rosa, 2006: 57).

A história narrada no tempo psicológico, não segue de acordo com as ordens dos acontecimentos, e a morte de Diadorim fica revelada antes da metade do livro; logo, surge a evidência da simbologia em relação ao espelhamento no jogo dramático, do jagunço e da morte, num simbolismo metafórico.

O que é dose de ódio - que vai buscar outros ódios. Diadorim era mais do ódio do que do amor? Me lembro, lembro dele nessa hora, nesse dia, tão remarcado. Como foi que não tive um pressentimento? O senhor mesmo, o senhor pode imaginar de ver um corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue, e os lábios da boca descorados no branquiço, os olhos dum terminado estilo, meio abertos, meio fechados? E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida? Ah Diadorim... E tantos anos já se passaram. (Rosa, 2006: 191)

Rosa teve como proposta refletir em torno da simplicidade que é matar para um jagunço. A vida humana tão importante, ali naquele momento se torna trivial, sem valor. O corpo do jagunço, a morte precoce de Diadorim, encontrado todo esfaqueado, branco cheio de sangue num corpo de uma mulher virgem, representa a imensa dor para Riobaldo e faz com que ele procure repensar a sua vida e abandonar a profissão de jagunço. O amor que sentia pelo homem Diadorim, que na verdade se chamava Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins e era realmente uma mulher, elucida a relevância do sentimento humano, que leva o narrador-personagem à reflexão.

Este papel, que eu trouxe - batistério. Da matriz de Itacambira, onde tem tantos mortos enterrados. Lá ela foi levada à pia. Lá registrada, assim. Em 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria

Deodorina da Fé Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...(ROSA, 2006: 605).

Rosa teve como proposta refletir o mítico destino em torno da fatalidade da morte de Diadorim. A simbologia na figura rude do jagunço estaria imbricada à ideia da morte no cronotopo mítico bakhtiniano (2011), aquela que reflete além da vida física, que impulsiona os sentimentos humanos mais profundos, quando envolve o amor. O narrador-personagem, ao perder a pessoa a quem mais amava, questiona o assassinato e a vida errante do jagunço. Riobaldo, de bandido e assassino a herói problemático, num contexto de epopeia, representa um tipo de herói, caracterizado como um ser problemático, da forma que não entende o mundo, um homem desamparado.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, conferimos que a obra *Grande sertão: Veredas* teve uma relevância fundamental para a memória do regionalismo no contexto latino-americano, a partir da historiografia de Minas Gerais. Guimarães Rosa (2006) penetrou nas narrativas orais dos sertanejos para relatar uma história, retratada num simbolismo metafórico. Ao procurar o resgate da memória dos povos rurais, dos sotaques regionalistas e manifestações míticas na literatura, Rosa confrontou fatos passados ao presente, numa forma de relatar o domínio da figura política do coronel no período a partir do século XIX até o início do século XX. A relevância da narrativa oral rosiana foi vista por Carlos Pacheco como paradigmática no contexto oral

latino; a oralidade popular como forma de identidade cultural regionalista. O crítico evidencia Guimarães Rosa para a compreensão da expressividade literária na América Latina.

A memória e a história de um povo rural, como em Rosa, de uma época já passada e relatada na literatura tem uma importância crucial para a identidade da região.

Durante a narrativa, o escritor explora os contos orais mineiros, como forma de resgate das diversas lendas e outras narrativas orais difundidas na tradição mineira. Ao tecer os fios narrativos, busca a identidade através da memória coletiva do mito e encontra a crença religiosa em Deus, e o temor do demônio, como formas de reflexões em torno da falta de bom senso humano. O escritor indaga ao longo da narrativa se o demônio existe e desmistifica a crença mítica ao afirmar no fechamento do romance "... Existe é homem humano. Travessia" (Rosa, 2006: 608).

REFERÊNCIAS

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. São Paulo: Ed. Nova Aguilar, 1994.

Referências

BENÍTEZ, Tereza, ROZAS, Laura e SESPLUGUES, Dolores. Biografias e vidas. Disponível em: <<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/roa.htm>>. Acesso em 26 de setembro, 2014.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. Tese e Antítese. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre azul, 2012.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Ouro sobre azul, 2011.

DEMÉTRIO, Everton. Diálogos de Ficção e História: Tradição e modernidade no Grande Sertão de Guimarães Rosa. In Revista de Humanidades, 12 (30), 2011 (jul./dez). Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Semestral ISSN -1518-3394. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em 19 de setembro, 2014.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro editora, 2003.

LABORDE, Elga. Identidade, memória e exílio na literatura Latino-Americana. In LABORDE, Elga Pérez. Identidades em contato. UNTERBAUMEN, Enrique Huelva; CAVALCANTE NUTO, João Vianey e CYNTRÃO, Sylvia Helena (seleção). São Paulo: Pontes Editores, 2011.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. São Paulo, Ed. Unicamp, 1994.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACHADO, Irene A. O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago Ed., São Paulo: FAPESP, 1995.

PACHECO, Carlos. La Comarca oral. 1. ed. Caracas: Ed. La Casa bello, Mercedes a Luneta. 1992.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A "literatura" medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.